



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

CARLOS DA SILVA LAUREANO

FONTES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA: análise da sua presença no  
periódico Biblos

JOÃO PESSOA

2020

CARLOS DA SILVA LAUREANO

FONTES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA: análise da sua presença no  
periódico Biblos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como pré-requisito para a obtenção do título  
de Bacharel em Biblioteconomia pela  
Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Paiva Bezerra

JOÃO PESSOA

2020

# Ficha Catalográfica

## Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

L378f Laureano, Carlos da Silva.

FONTES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA: análise da sua presença no periódico Biblos / Carlos da Silva Laureano. - João Pessoa, 2020.

54f. : il.

Orientação: Eliane Bezerra Paiva.  
TCC (Especialização) - UFPB/CCSA.

1. Biblos. Fontes de Informação Indígena. Periódico.  
I. Paiva, Eliane Bezerra. II. Título.

UFPB/CCSA

CARLOS DA SILVA LAUREANO

FONTES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA: análise da sua presença no  
periódico Biblos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como pré-requisito para a obtenção do título  
de Bacharel em Biblioteconomia pela  
Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 15 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA



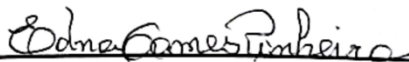
---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Bezerra Paiva  
Universidade Federal da Paraíba  
Orientadora



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gisele Rocha Côrtes  
Universidade Federal da Paraíba  
Examinadora



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edna Gomes Pinheiro  
Universidade Federal da Paraíba  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus e ao nosso senhor Jesus Cristo. Em especial à minha querida mãe, Dona Lúcia Maria da Silva Laureano, que me incentivou a continuar e seguir em frente sem olhar para trás. Ao meu pai Severino Damião Laureano (*in memoriam*), que me ensinou valores que nem a escola regular ou a universidade podem ensinar. Aos meus irmãos que, direta e indiretamente, me apoiaram nessa empreitada educacional.

A todos os professores que no decorrer desses cinco anos de curso, fizeram parte da minha vida. Em especial, à professora Dr<sup>a</sup>. Eliane Bezerra Paiva, que desde meados de 2017 trabalhamos juntos no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC). Aprendi com sua humildade e simplicidade, absorvendo todo o conhecimento por ela passado e que tem me orientado com maestria para produção deste TCC. Meu muito obrigado.

Aos meus colegas e amigos que fiz em sala de aula e fora dela, com uns, tivemos experiências maravilhosas, quero destacar uma atenção especial ao Gean David, amigo para toda vida; ao Milton Lins, que nos divertia; à Lucia Castro; à Sarah, ao Eitor e ao Adrian, amigos inesquecíveis. Enfim, a toda turma 2015.1 que conseguiu chegar ao final. Com muita dedicação aprendemos a trabalhar em equipe, essencial para uma boa gestão em bibliotecas ou em qualquer função que, venhamos exercer no mercado de trabalho.

Agradeço ainda ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), grupo coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, vice-reitora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), grupo esse, que faço parte deste o quinto período do Curso de graduação em Biblioteconomia e que me proporcionou debates maravilhosos sobre temas diversos. Muito obrigado a todos que compõem o Gecimp.

Aos colegas e amigos que fiz quando estagiei na Biblioteca Pública Juarez da Gama Batista, situada no Espaço Cultural José Lins do Rego. À Tatiana Cavalcante, coordenadora da biblioteca, à Cybelle Macedo Nunes, ao Anderson, à dona Susy, a todos que fazem parte daquela grande família. Lugar em que tive um aprendizado substancial e eficaz, que veio somar ao aprendizado em sala de aula. Aos usuários da biblioteca, que diariamente, me moldaram no quesito atendimento ao público e de quem fiquei amigo de muitos deles.

Quero encerrar esses agradecimentos com uma frase de um homem que teve um sonho, que para muitos era impossível, mas ele não desistiu, mesmo correndo risco de vida,

ele continuou. Eis a frase: “Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo”. (Martin Luther King Jr.).

“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem”

Hb. 11:1

## **RESUMO**

As fontes de informação indígena favorecem o registro e o acesso ao conhecimento dos povos indígenas, suas tradições, cultura, religiões e modo de viver desses povos. O periódico configura-se como principal veículo da comunicação científica, especialmente pela rapidez que divulga os resultados das pesquisas desenvolvidas por cientistas nas diversas áreas do conhecimento. A pesquisa tem como objetivo geral analisar a produção sobre informação indígena no periódico Biblos. Configura-se como pesquisa exploratória e descritiva e o tipo de abordagem utilizada é quanti-qualitativa. A metodologia adotada incluiu um levantamento bibliográfico, que abrangeu diversos tipos de fontes, tais como: livros, artigos e periódicos acadêmicos, teses e dissertações, normas, etc. para compor a revisão da literatura e, além disso, possibilitou realizar um levantamento histórico do periódico estudado. Também, realizou-se uma análise bibliométrica das fontes de informação indígena presentes no periódico Biblos. Para a análise dos dados utilizaram-se técnicas estatísticas e a Análise de Conteúdo visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das publicações. Os resultados da pesquisa possibilitaram identificar a produção de informação indígena no Biblos e os autores que publicam sobre essa temática no referido periódico. Bem como, demonstrou baixa produção sobre a temática indígena publicada ao longo dos 41 anos de existência do periódico. Concluiu-se que, em relação a outras temáticas, a produção de conteúdos que enfocam a informação indígena ainda é incipiente na Ciência da Informação.

**Palavras-Chave:** Biblos. Fontes de Informação Indígena. Periódico Científico. Produção Científica.

**ABSTRACT**

The sources of indigenous information favor the registration and Access to knowledge of indigenous peoples, their traditions, culture, religions and the way of these peoples. The journal is configured as main vehicle for scientific communication, especially due to the speed which it disseminates the results of research carried out by scientists in different areas of knowledge. The general objective of the research is to analyze the production on indigenous information in the periodical *Biblos*. It is configured as exploratory and descriptive research and the type of approach used is quanti-qualitative. The methodology adopted included a bibliographic survey, which covered several types of sources, such as: books, articles and academic journals, theses and dissertations, standards, etc. to compose the literature review and, in addition, it made it possible to carry out a historical of the studied journal. Also, a bibliometric analysis of the sources of indigenous information present in the periodical *Biblos* was carried out. For data analysis, statistical techniques and Content Analysis were used to obtain systematic and objective procedures for describing publications. The results of the research made it possible to identify the production of indigenous information in the *Biblos* and the authors who publish about this theme in the referred periodical. As well as, it showed low production on the indigenous theme published over the periodical's 41 years of existence. It is concluded that, in relation to other themes, the production of contents that focus on indigenous information is still incipient in Information Science.

**Keywords:** *Biblos*. Indigenous Information Sources. Scientific Periodical. Scientific Production.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Primeiro periódico impresso.....	18
Figura 2. Segundo periódico impresso.....	18
Figura 3. Exemplo de periódico impresso.....	19
Figura 4. Transição do periódico impresso para o eletrônico .....	21
Figura 5. Escolas indígenas na Amazônia.....	29
Figura 6. Escola indígena Sakruiwe na zona urbana de Tocantins .....	30
Figura 7. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação .....	34

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Produção científica publicada no periódico Biblos .....	37
Tabela 2. Autoria e co-autoria das fontes de informação indígena .....	41
Tabela 3. Autores e suas formações acadêmicas.....	42
Tabela 4. Temáticas abordadas nas fontes de informação indígena.....	44
Tabela 5. Etnias contempladas na produção .....	44
Tabela 6. Cronologia das fontes.....	46

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	13
2 PERIÓDICOS E INFORMAÇÃO INDÍGENA.....	16
2.1 PERIÓDICOS .....	17
2.1.1 Periódico Impresso.....	18
2.1.2 Periódico eletrônico.....	20
2.1.3 Periódico Científico.....	23
2.2 FONTES DE INFORMAÇÃO.....	23
2.2.1 INFORMAÇÃO INDÍGENA .....	25
2.3 Literatura Indígena .....	26
2.4. Educação Indígena .....	27
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	31
3.1. TIPOLOGIA DA PESQUISA.....	31
3.2. CAMPO DA PESQUISA.....	33
3.4. SISTEMATIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS .....	36
4. A PRODUÇÃO SOBRE INFORMAÇÃO INDÍGENA NO BIBLOS .....	37
4.1 O BIBLOS E A PRODUÇÃO DE FONTES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA .....	37
4.2. CARACTERIZAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA.....	41
4.2.1 Mapeamento dos autores e co-autores.....	41
4.2.2 Temáticas abordadas na produção.....	43
4.2.3 Etnias contempladas na produção .....	44
4.2.4 Cronologia da produção .....	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS .....	49
Links.....	<b>Error! Bookmark not defined.</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O campo da informação científica tem observado as demandas da sociedade, através dos seus produtos, seus serviços e ferramentas que influenciam a vida dos seres humanos. Com o surgimento da internet, as formas de comunicar as informações científicas vêm se alterando, modificando, ampliando e proporcionando maior eficiência e rapidez que rompem barreiras temporais. Como afirma Oliveira (2008, p. 69):

As modificações ocorridas no processo de comunicação científica nos últimos anos trazem a necessidade de uma nova forma de organização dos processos de trabalho da informação e a reaprender a pensar conceitos fundamentais em nossa realidade, pois características presentes no meio eletrônico como interatividade, compartilhamento e distribuição da informação [...].

Observa-se que, a operação de toda atividade de pesquisa envolve práticas de comunicação. Conforme Freitas e Leite (2019, p. 275) “[...] as comunicações científicas são constituídas por diversos elementos e processos, entre os quais seus atores e respectivas funções e atividades”.

O interesse para a realização do presente estudo, que originou este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desenvolveu-se a partir da participação em um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado “Fontes de informação indígena na Ciência da Informação: análise na BRAPCI”. O objetivo da pesquisa PIBIC foi analisar as fontes de informação indígena presentes na Base de Dados de Periódicos de Ciência da Informação (BRAPCI). Os resultados obtidos na referida pesquisa resultaram na recuperação de 54 referências correspondentes à informação indígena, das quais 45 eram artigos de periódicos e desses, a maioria, 26,7% (12 artigos), publicados no periódico Biblos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com base nesses dados resolvemos aprofundar a pesquisa no referido periódico, pois este se destacou na produção sobre informação indígena.

Paiva (2013, p.48) refere que informação indígena refere-se aos povos indígenas e pode ser conceituada como aquela que "engloba diversos tipos de textos, independentemente do suporte, que trata do conhecimento dos indígenas e sobre eles" .

Além da participação no referido projeto PIBIC, o interesse do autor para realizar a pesquisa na temática indígena surgiu ao participar do XLII Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEBD), realizado na Universidade Federal do Pará na cidade de Belém no ano de 2019. Na oportunidade, em meio a cinco Grupos de Trabalho

(GT's) onde foram apresentados diversos artigos de variados assuntos, apenas um referia-se à temática indígena, intitulado: "Práticas Profissionais na Formação Acadêmica: experiência em pesquisa sobre informação indígena" (LAUREANO; PAIVA; RAMALHO, 2019). Levando em consideração que a população do estado do Pará é formada basicamente por indígenas e/ou descendentes destes, a carência de trabalhos com a temática indígena nos preocupou e ao mesmo tempo nos deu ânimo para continuarmos a pesquisar nessa temática.

Assim, surgiu a **questão motivadora da pesquisa**: Como se configura a produção sobre informação indígena no periódico Biblos?

Visando encontrar resposta a tal questionamento, desenvolveu-se uma pesquisa com o seguinte **objetivo geral**: Analisar a produção sobre informação indígena no periódico Biblos.

Para a operacionalização desse objetivo elegeram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar a produção indígena presente no periódico Biblos;
- b) Realizar o mapeamento dos autores e coautores dessa produção;
- c) Identificar as temáticas abordadas na produção identificada;
- d) Identificar as etnias contempladas na produção.

A realização dessa pesquisa pousa na responsabilidade social da Ciência da Informação (GARCIA; TARGINO; DANTAS, 2012), pois esta não pode ficar alheia aos interesses de grupos menos favorecidos da sociedade, como os indígenas.

A importância da adoção da temática indígena não é apenas uma questão "politicamente correta" ou porque "os índios são nossas raízes", mas também pelo fato de existirem, até os dias atuais, graves situações de conflito, discriminação e violência sofridas pelos povos indígenas. E, também, porque isso envolve todos os brasileiros, pois tem a ver com intolerância ao diferente e manutenção de ideologias (evolucionistas, integracionistas, racistas) que deveriam estar superadas num estado que se diz democrático (COLLET; PALADINO; RUSSO, 2014).

Outra justificativa para a realização da pesquisa é a contribuição e visibilidade dos saberes e valores indígenas no ambiente acadêmico que deve ser compreendida como um processo histórico-social, uma vez que, as informações contidas na pesquisa supracitada demonstraram que a produção de informação indígena, embora incipiente, a temática indígena começa a despontar na literatura da Ciência da Informação.

Em sua estrutura, este texto está dividido em cinco seções: a primeira, essa Introdução, inclui a justificativa para a realização da pesquisa, uma problematização, os objetivos e a

estruturação do texto. A segunda seção intitula-se Periódicos e Informação Indígena, encontra-se a fundamentação teórica, onde são apresentados conceitos de comunicação científica, periódicos: impressos, eletrônicos e digitais e, também, as fontes de informação com suas respectivas divisões e as fontes de informação indígena. Na terceira seção, Procedimentos Metodológicos, descreve-se a metodologia adotada na pesquisa. A quarta seção, intitulada Resultados e Discussões, corresponde à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos na pesquisa e a quinta seção, Conclusões, traz uma síntese do que se obteve na pesquisa. Ao final, encontram-se as referências utilizadas na construção desse estudo.

## 2 PERIÓDICOS E INFORMAÇÃO INDÍGENA

A comunicação científica é uma rede complexa que totaliza todo trabalho científico de pesquisadores e estudiosos com a função de comunicar os resultados obtidos durante uma pesquisa. Para tal, Freitas e Leite (2019), consideram o pesquisador como um dos principais atores do sistema de comunicação científica exercendo influência nas atividades de produção e disseminação e uso da informação, assim como, editoras, bibliotecas e universidades. Mello (2011, p.18), explica que:

A comunicação científica é o processo que envolve a construção, comunicação e uso do conhecimento científico com o objetivo de promover sua evolução. Ela compreende o fluxo da informação dos canais formais e informais utilizados pelos cientistas tanto para comunicar os resultados de sua pesquisa, como para se informar sobre resultados alcançados por outros pesquisadores.

A criação da informação científica se dá por meio da pesquisa, sobretudo, analisando produções já existentes como afirmam Leite e Costa (2007); “[...] no início da criação de um novo conhecimento, o esforço parte daquilo que foi construído anteriormente por outros pesquisadores”. Ou seja, o pesquisador nunca parte do marco inicial, pois, recorre à literatura de sua especialidade e aos seus pares. Silva (2010) relata que a principal função da comunicação científica é dar continuidade ao conhecimento onde pesquisadores contribuem na disseminação da informação.

A comunicação do conhecimento científico se processa por diversos meios como refere Silva (2010, p.24): “São diversos os tipos de veículos que podem ser utilizados para comunicar o conhecimento científico. Entre eles podem ser destacados os periódicos, livros, trabalhos de congresso etc.”. Inicialmente, os cientistas se comunicavam por meio de cartas e atas e essas deram origem aos periódicos, que se tornaram divulgadores das pesquisas, como revela a autora:

Os dois primeiros meios utilizados pelos cientistas para se comunicarem, divulgarem suas ideias e descobertas, foram as cartas e as atas. Esses dois meios originaram os periódicos científicos, que com o passar do tempo assumiram o papel de divulgadores dos resultados de suas pesquisas. (SILVA, 2010, p. 24).

A importância do periódico na comunicação científica pode ser corroborada por Carelli e Giannasi-Karimen (2009, p.191) quando relatam que:

O periódico científico no compartilhamento da informação e do conhecimento é reconhecidamente o veículo de maior impacto. Desde suas origens têm-se destacado seu papel fundamental no meio científico. O advento das tecnologias de comunicação e informação (TICs) consolidou o periódico legitimando-o como meio por excelência para o acesso, uso e produção de conhecimento científico.

É inegável a importância do periódico como principal veículo da comunicação científica, especialmente pela rapidez que divulga os resultados das pesquisas desenvolvidas por cientistas nas diversas áreas do conhecimento, como reconhecem diversos autores (BRAGA, 1984; MUELLER, 2003; SANTA ANNA, 2018).

## 2.1 PERIÓDICOS

De acordo com a NBR 6021, (ABNT, 2015, p. 4), periódico é uma “publicação em qualquer tipo de suporte, editada em unidades físicas sucessivas, com designações numéricas e/ou cronológicas, e destinada a ser continuada indefinidamente”.

Os periódicos surgiram em 1665, sendo o primeiro o *Journal de Sçavants* (Figura 1), publicado em Paris com publicações semanais nas áreas de química, física, anatomia e meteorologia. No mesmo ano surge, em Londres, outro periódico, o *Philosophical Transactions* (Figura 2). Essas duas publicações são as precursoras dos periódicos existentes hoje no mundo científico e que no decorrer dos anos adaptaram-se às novas tecnologias da informação e da comunicação. Nesse contexto surgiram novas revistas que publicavam diversos assuntos, dos mais improváveis aos mais complexos em diversas áreas do conhecimento, gerando assim uma corrida informacional como explicam Barbosa *et al*:

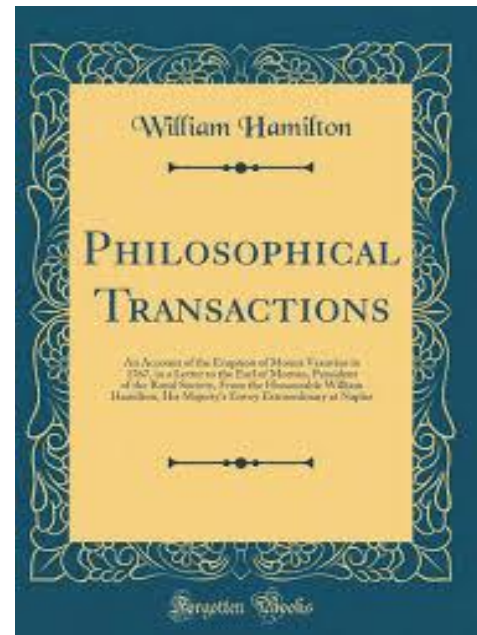
Contudo, com o aumento da competitividade, a produção de informações científicas produzidas aumentou vertiginosamente, o que tornou urgente a utilização de técnicas especializadas e conhecimentos bibliográficos como classificação e sistemas de recuperação da informação, onde a produção de revistas passou a ser feita por universidades e editoras comerciais. (BARBOSA *et al.*, 2013, p. 4).

Figura 1. Primeiro periódico impresso



Fonte: <https://commons.wikimedia.org>

Figura 2. Segundo periódico impresso



Fonte: <https://www.amazon.com.br>

Os periódicos são revistas que podem se apresentar em formato impresso ou eletrônico e podem deter periodicidades variadas: semanal, quinzenal, mensal, bimestral, trimestral, quadrimestral, etc. Sua principal característica é sua continuidade promovendo a ciência e divulgando trabalhos de diversos pesquisadores.

Os periódicos podem ser classificados por diversos critérios. Em se tratando do formato, podem ser: periódicos impressos e periódicos eletrônicos. No que se refere aos conteúdos abordados, os periódicos podem ser classificados como: científicos, técnicos, revistas de divulgação, etc.

### 2.1.1 Periódico Impresso

Os periódicos impressos surgiram com o objetivo de organizar e disseminar o grande número de material existente na época, principalmente na área de medicina. Na atualidade, tais periódicos passam por momentos sombrios. Segundo Barbosa *et al.*, (2013, p.5). “o

formato impresso de periódico vive um momento delicado, ocasionado pela escassez de recursos financeiros, além das dificuldades para recuperação e comercialização”.

O periódico impresso (Figura 3) possui algumas peculiaridades que se revestem como vantagens e/ou desvantagens em relação ao periódico eletrônico. Dentre as vantagens do periódico impresso destacam-se: alcança qualquer tipo de público por ter assuntos variados e de interesses múltiplos, passa credibilidade ao leitor em suas publicações e possui um material de ótima qualidade. E como desvantagens do periódico impresso pode-se mencionar: sua produção tem valor elevado que, conseqüentemente, é repassado ao consumidor final, as correções só podem ser feitas por meio de uma retratação em edições posteriores, seu acúmulo é muito rápido, tornando-se um problema de organização.

Figura 3. Exemplo de periódico impresso



Fonte: <https://anpocs.com>

### 2.1.2 Periódico eletrônico

Segundo Mueller (2003, p. 82), “a expressão periódicos eletrônicos designa periódicos aos quais se tem acesso mediante o uso de equipamentos eletrônicos”. Conforme a autora, eles podem ser classificados em pelo menos duas categorias: *online* e em CD-ROM. Os periódicos *online* são os que estão disponíveis na Internet enquanto que os em CD-ROM, prevaleceram antes do surgimento da Internet e seu uso limitava-se a microcomputadores isolados e eram adquiridos por compra.

As primeiras iniciativas para implementação de publicações eletrônicas datam do ano de 1976 no *New Jersey Institute of Technology*. Entretanto, o primeiro periódico científico eletrônico, intitulado *Online Journal of Current Clinical Trials* (OJCCT) só surgiu em 1992 (DIAS, 2003).

Sabe-se que por algum tempo buscaram-se soluções para um problema que prejudicava os pesquisadores e estudiosos, pois, ao produzirem suas pesquisas levavam muito tempo para submetê-las à publicação em periódicos impressos. Tinham que enviar seus trabalhos pelos correios e até que a resposta chegasse seu trabalho muitas vezes já estava desatualizado, tornando o autor refém do sistema. Nessa direção, Lemos (2006) relata: “O periódico eletrônico seria também a libertação dos sistemas perversos impostos pelas editoras de periódicos científicos, inclusive as sociedades científicas, isoladamente, ou a elas associadas”.

Mas foi graças à criação, em 1991, da *Open Archives Initiative* (OAI), iniciativa de arquivos abertos que possibilitou que os periódicos eletrônicos fossem disponibilizados gratuitamente na Internet.

O Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) é um *software* livre utilizado para a criação e gestão de publicações periódicas eletrônicas e ancora grande número de periódicos eletrônicos. O SEER está sob a competência do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), responsável por promover a competência, o desenvolvimento de recursos e a infraestrutura de informação em ciência e tecnologia para a produção, socialização e integração do conhecimento científico e tecnológico. O sistema tem proporcionado às revistas eletrônicas, um importante passo na produção e comunicação científica, como afirmam Silva *et al* (2017, p. 27):

O uso do SEER por parte das Revistas Eletrônicas é cada vez mais relevante, uma vez que o número de Revistas cresce consideravelmente a cada ano.

Esse sistema é incorporado por elas para que haja o gerenciamento da construção e editoração dos periódicos científicos a fim de proporcionar melhorias na produção e comunicação científica, além de diminuir os custos com relação ao acesso à informação, tentando assim tornar a informação via web padronizada e confiável aos usuários.

Para isso, profissionais qualificados trabalham na manutenção dos periódicos eletrônicos e científicos, para que o usuário da internet possa ter acesso à informação desejada. A credibilidade na *web* é o resultado da interação e percepção do usuário que observa três pontos no periódico: confiança, transparência e profissionalismo.

Figura 4. Transição do periódico impresso para o eletrônico



Fonte: <https://www.ebsco.com>

A Figura 4 retrata a transição do periódico impresso para o periódico eletrônico. Essa transição ocorre não só nos periódicos, mas em todos os seguimentos da literatura impressa, como livros, anais de eventos, teses e dissertações, etc.

Com o surgimento da internet em meados da década de 1990, o periódico eletrônico surge como solução para um problema de vários anos, rompendo correntes que amarravam o artigo científico a uma metodologia ultrapassada. A emergência das Tecnologias da Informação e da Comunicação e da Internet possibilitou o surgimento das primeiras

publicações eletrônicas proporcionando acesso não só a informação, mas aos documentos também.

As publicações impressas sofreram transformações e passaram a ser desenvolvidas apenas nos meios eletrônicos proporcionaram ao leitor-pesquisador um acesso rápido à informação, se considerarmos que há muito tempo atrás, seria necessário que o mesmo tivesse que se deslocar a uma biblioteca ou arquivo e debruçar-se em livros e documentos em busca da informação desejada.

Considerando o tempo gasto em tal empreitada e a rápida obsolescência da informação, o periódico eletrônico veio somar para a ciência com o conhecimento e disseminação da informação. Nesse sentido, Barbosa *et al* (2013, p.5) apontam algumas vantagens do periódico eletrônico: “[...] disponibilização na grande rede (internet), gratuidade (em boa parte deles), divulgação veloz e num espaço ilimitado, baixo custo no que se refere a produção, além de beneficiar o contato entre leitores e autores por meio de *e-mail*”. Além disso, o periódico eletrônico poupa o tempo da pesquisa, ao invés do pesquisador se deslocar de sua residência até uma biblioteca universitária ou pública, em busca do material de seu interesse e, de sua casa, fazendo uso de qualquer aparelho com conexão com a rede mundial de computadores (internet), ele pode ter acesso a qualquer periódico, nacional ou internacional, disponível na rede. Porém, com as mudanças que observamos hoje, com o grande número de publicações eletrônicas disponíveis, sempre trazem vantagens e desvantagens que alcançam todos os envolvidos, mesmo que as vantagens sejam maiores do que as desvantagens. Dentre as vantagens destacam-se: rapidez na produção e disseminação de conteúdos; acessibilidade; baixo custo na adesão da assinatura; possuem *links* e impacto nos serviços das bibliotecas. Como desvantagens citam-se: exige que o usuário detenha habilidades multimídia; barreiras socioculturais, econômicas e tecnológica, seleção do periódico, aquisição, acesso ao usuário, treinamento da equipe e usuários da biblioteca, avaliação de uso e a conservação.

Com relação à desvantagem relacionada à conservação, refere-se ao desuso do material impresso com a aquisição do periódico eletrônico. Algo que já percebemos em muitas bibliotecas, por um lado colabora para preservação do acervo em papel, por outro, pode desestimular sua preservação e, conseqüentemente, estimular o desuso das coleções impressas.

### 2.1.3 Periódico Científico

Nos periódicos científicos são publicados novas pesquisas e trabalhos científicos inéditos e de relevância para a sociedade, tendo em vista que um periódico científico diverge de uma revista de divulgação (magazine). Os usuários leigos raramente acessam um periódico científico; seu público alvo são os pesquisadores que buscam, casualmente, resultados de uma pesquisa para fundamentar outra nova. Em conformidade com Oliveira (2008), o periódico científico é o principal canal da comunicação científica formal.

Desde a década de 1990, modificações vêm ocorrendo no meio científico. O acesso à informação, os suportes utilizados e seus formatos têm proporcionado uma forma rápida e moderna na divulgação de novas descobertas na ciência nos dias atuais.

Os periódicos científicos seguem os mesmos critérios dos impressos, utilizando o mesmo padrão na publicação dos trabalhos e o mesmo reconhecimento dos autores envolvidos, seguindo a avaliação pelos pares, a normalização e qualidade da obra. (BARBOSA *et al*, 2013).

Os periódicos correspondem a um tipo de fonte de informação, tema abordado na próxima seção.

## 2.2 FONTES DE INFORMAÇÃO

Na literatura biblioteconômica, existem inúmeros conceitos para fontes de informação. Segundo Garcia e Targino (2016) à primeira vista, o termo 'fonte de informação'

[...] remete à obra de referência (tradicionalmente, obras de consulta e não de leitura, à semelhança de enciclopédias, dicionários, catálogos e similares) e a recursos variados, que vão desde o indivíduo, como detentor de informações, até as mídias e os meios disponibilizados eletronicamente (GARCIA; TARGINO, 2016, p. 147).

Araújo e Fachin (2015, p. 84) conceituam fontes de informação como "[...] referências sobre o que está registrado e disponível ao ser humano, possibilitando reinventar ou compreender melhor seu objeto de estudo".

Segundo Zattar (2017) na área da Ciência da Informação as fontes de informação podem ser categorizadas sob diferentes características e perspectivas tais como: audiência, armazenamento, atualidade, autenticidade, conteúdo, dentre outras.

As fontes de informação podem ser classificadas como primárias, secundárias e terciárias. As fontes primárias podem ser definidas também como fontes originais. É um documento, gravação ou outra fonte de informação, como um documento escrito ou uma figura, por exemplo, criado no tempo em que se estuda, por uma fonte com autoridade, geralmente com conhecimento pessoal direto dos eventos descritos. As fontes primárias são produzidas diretamente com a interferência do autor. São exemplos de fontes primárias: congressos e conferências, legislação, nomes e marcas comerciais, normas técnicas, patentes, **periódicos**, projetos e pesquisa em andamento, relatórios técnicos, teses e dissertações e traduções.

As fontes secundárias resultam das discussões realizadas no material obtido das fontes primárias, inclui informação filtrada e organizada. Dentre as fontes secundárias se inserem: as enciclopédias, os dicionários, os manuais, as tabelas, as revisões de literatura, os tratados, certas monografias, os anuários, os livros-texto, entre outras. Cunha (2001, p.9) afirma que as fontes secundárias “[...] contêm, informações sobre documentos primários e são arranjados segundo um plano definitivo; são, na verdade, organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles”.

As fontes terciárias são sinalizadores de localização ou indicadores das fontes primárias e secundárias. São exemplos de fontes terciárias: bibliografia de bibliografia, bibliografia e centros de informação, diretórios, financiamento e fomento à pesquisa, guias bibliográficos e revisões de literatura. Como explica Cunha (2001, p.9):

[...] as fontes terciárias têm como função principal ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias, sendo que, na maioria, não trazem nenhum conhecimento ou assunto como um todo, isto é, são sinalizadores de localização ou indicadores sobre os documentos primários ou secundários, além de informação factual [...].

O presente estudo tem como foco de análise um periódico, que se constitui uma fonte de informação primária. E a proposta é analisar a presença da informação indígena no periódico.

## 2.3 INFORMAÇÃO INDÍGENA

Segundo Paiva (2013, p.51), fonte de informação indígena é "[...] qualquer tipo de recurso informacional que englobe conhecimento dos indígenas e sobre eles e, ainda, que, a partir da interpretação dos usuários, seja capaz de suprir necessidades informacionais".

As fontes de informação indígena favorecem o registro e o acesso ao conhecimento dos povos indígenas, suas tradições, cultura, religiões e modo de viver desses povos.

O contato com o homem branco foi extremamente prejudicial aos indígenas que habitavam o Brasil à época do descobrimento. Conforme dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 (IBGE, 2011), a população indígena que vive no território brasileiro corresponde a 896.917 que pertence a, aproximadamente, 305 povos e possui no mínimo 180 línguas.<sup>1</sup>

O processo de colonização dos portugueses, assim como a presença de franceses e holandeses na disputa pela nova terra ocasionou muitos conflitos. Muitos povos perderam seus traços culturais influenciados pela cultura do homem branco. Na atualidade, muitos desses povos usam equipamentos eletrônicos e falam o português; já não se comunicam nas línguas indígenas. Conforme nos explica Barão (2006):

Os indígenas, como qualquer outra sociedade humana, sofreram e sofrem mudanças em sua cultura, recriando dessa forma novas identidades e novos valores culturais de acordo com as relações interétnicas a que estão sujeitos, bem como com as próprias mudanças internas que ocorrem com a aquisição de novas tecnologias criadas e ou adquiridas, sem, contudo deixarem de pertencer ao grupo étnico ao qual se identificam. (BARÃO, 2006, p.197).

De acordo com a Survival<sup>1</sup>, organização que defende os povos indígenas ao redor do mundo, existem pelo menos 100 grupos de indígenas isolados na parte brasileira da floresta amazônica. Tais grupos não mantêm contato com outros grupos indígenas e não indígenas, alcançando os territórios que contemplam os estados do Acre (cerca de 600 indivíduos de quatro grupos diferentes), Rondônia, com cerca de 300 indígenas e Mato Grosso e Maranhão sem número específico nessas regiões. Acredita-se que tal isolamento desses povos se deu por meio da violência sofrida nas invasões de suas terras por madeireiros, fazendeiros, entre outros.

---

<sup>1</sup> Survival foi fundada em 1969 e é uma instituição de nível global que trabalha pelos direitos dos povos indígenas, publicando informações sobre os problemas enfrentados por povos indígenas, tendo apoiadores em mais de cem países.

Uma virada histórica ocorre na década de 1970, na 169ª Convenção da organização Internacional do trabalho (OIT), sancionada pelo Brasil em 2003, possibilitou aos indígenas o direito de serem reconhecidos como povos, tendo seus direitos assegurados pela constituição Federal de 1988. Em conformidade com Barão (2008).

Os povos indígenas passaram a ter, a partir de 1988, com a implantação da nova Constituição, uma legislação específica que legitima sua diferença étnica dentro do território nacional, assegurando-lhes o uso de suas línguas maternas, de sua cultura própria e de seus territórios tradicionais, sendo que sua história e estruturas sociais ficam protegidas por lei e devem ser respeitadas em todas as instâncias do território brasileiro. (BARÃO, 2008, p.84).

Para que os indígenas tenham seus direitos assegurados por lei, órgãos de proteção ao índio<sup>2</sup> foram criados, tendo como um dos mais importantes a Fundação Nacional do Índio - FUNAI, criada por força da Lei 5.371 de 05 de dezembro de 1967 e que é vinculada ao Ministério da Justiça. Suas principais atribuições é proteger e promover os direitos dos povos indígenas, promover estudos de identificação, demarcação, regularização fundiária e registros de terras tradicionalmente ocupadas por esses povos.

A atuação da Funai está orientada por diversos municípios, dentre os quais se destaca o reconhecimento da organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos povos indígenas, buscando o alcance da plena autonomia e autodeterminação dos povos indígenas no Brasil, contribuindo para a consolidação do Estado Democrático e pluriétnico. (FUNAI<sup>2</sup>, 2020, *on line*).

A Funai trabalha na promoção de ações que garantem aos índios a sobrevivência dos seus costumes com o mínimo possível da interferência do não índio, fornecendo todo o suporte necessário para sua subsistência, dando apoio médico, educacional e de seguridade social.

A seguir comenta-se sobre literatura indígena e, posteriormente, sobre educação indígena.

### **2.3.1 Literatura Indígena**

A literatura indígena não surgiu com a escrita nas aldeias, era passada de forma oral pelos mais velhos aos mais novos, ganhando novos significados pelo receptor da mensagem e sem o uso de suporte algum sobrevivendo por séculos o ensino da cultura e saberes indígenas. Para Coutinho (1978, p.9), o conceito de literatura é “[...] a literatura, como toda arte, é uma

<sup>2</sup> A informação foi retirada da página da Funai <http://www.funai.gov.br/index.php/a-funai>

transfiguração do real, é a realidade recriada, através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade”. Sabendo que a literatura indígena e suas tradições poéticas existiam desde os primórdios de sua existência, e nos últimos anos passou a utilizar-se de outro método, a escrita. Dessa forma França e Silveira (2014, p.70) afirmam que, “o domínio da língua materna e do português, de forma escrita e oral, proporcionou novas formas de interação do indivíduo indígena com a *sociedade nacional*” (termo utilizado na Constituição Federal de 1988 para denominar a sociedade não indígena). Os ritos culturais dos povos indígenas que antes eram atribuídos apenas à memória dos que realizavam os cantos, contavam as lendas e os mitos, começaram a serem registrados em vários suportes, em especial o papel, através da escrita como a ferramenta mais utilizada na manutenção das tradições e identidades indígenas. A literatura escrita proporcionou aos povos indígenas uma sobrevivência maior aos seus costumes, se levarmos em conta a interferência da cultura ocidental e a tecnologia em meio aos povos existentes hoje no território nacional, que tem afastado principalmente os jovens indígenas das tradições de seu povo. Porém, se utilizada da forma correta, a escrita e, por sua vez, a literatura contribuirá substancialmente para a preservação da língua e a valorização da cultura dos povos indígenas.

Com o aumento dos indígenas com nível superior e as várias publicações de cartilhas e livros contendo textos escritos por indígenas de cerca de 40 etnias Silveira (2005), reforça o incentivo a educação indígena e as políticas de inclusão desses povos.

### **2.3.2 Educação Indígena**

O Plano Nacional de Educação do Ministério de Educação e Cultura - MEC, não garante aos indígenas uma educação de qualidade, e sem segurança de terem seus direitos a uma escolaridade histórica formal no processo de aculturação. Um problema recorrente na educação indígena, é que muitas localidades indígenas não tem uma estrutura educacional e nem profissionais adequados. As existentes, apesar das escolas indígenas já estarem consolidadas, o nível informacional é fundamental. Não obstante os professores serem bilíngues é necessário que a educação oferecida aos índios lhes dê o direito de buscar a educação formal em todos os níveis, ocupando mais lugares no ensino médio e no ensino superior.

Já nas escolas regulares não indígenas, a disciplina de história não traz um conteúdo específico suficiente para conscientizar os alunos não índios ao respeito pelos povos indígenas. Mesmo o Brasil sendo um país de notável nação pluriétnica, multirracial e de incontestável diversidade cultural, os livros didáticos apresentam uma visão eurocêntrica da história de nosso país, perpetuando estereótipos e preconceitos (REIS; CAMPOS JÚNIOR, 2016). Os livros didáticos da educação básica vêm sendo reformulados no decorrer dos anos, depois da correção da Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei n. 11.645-2008, tornando obrigatório o ensino da história e cultura e cultura afro-brasileira e indígena no ensino básico e médio, nas escolas públicas e particulares. Destacamos o seguinte texto que passou a vigorar:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afrobrasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, Casa Civil, 2008)

Mesmo com a aplicação da lei, pesquisas indicam que os conteúdos ministrados em salas de aula demonstram que o ensino da temática indígena permanece incipiente como relatam Reis e Campos Júnior (2016, p.4):

O espaço destinado aos povos indígenas na história mostra-se igualmente reduzido. A maioria dos livros didáticos de História do ensino fundamental, muitas vezes utilizados como o principal recurso didático em sala de aula, costuma deixar de lado a população indígena ou se limitar apenas a citar sua contribuição. Quando encontramos referências ao tema, observa-se que esses povos se encontram ausentes enquanto sujeitos de sua História.

Observamos que a história do índio brasileiro está relacionada à chegada dos portugueses na nova terra, a implantação de capitânicas hereditárias, a catequização dos índios, escravização e conflitos, resultando no extermínio de várias etnias. Para que haja uma significativa mudança no quadro educacional, se faz necessário que os profissionais sejam capacitados para trabalhar com estes novos temas, como explica Rocha (2007) *apud* Reis e Campos Junior (2016):

Nesse sentido, dentre as inúmeras aprendizagens e conhecimentos necessários de se discutir, destaca-se a capacitação do corpo docente para o conteúdo específico legalmente exigido e o desenvolvimento de procedimentos pedagógicos adequados, o que implica a necessidade de práticas pedagógicas que visem à aprendizagem do conteúdo dos estudos de África e dos povos indígenas no Brasil, relacionado às dificuldades em que se debatem os educadores envolvidos na operacionalidade da referida lei. Carência de pesquisa e debates a respeito dos recursos que possam ser ágil e enriquecedores na aplicação desses conteúdos em sala de aula e adequação dos livros didáticos (ROCHA, 2007 *apud* REIS; CAMPOS JÚNIOR, 2016, p.)

Apesar da educação indígena estar garantida por lei, as dificuldades encontradas para a execução de um ensino de qualidade são muitas, uma delas é a distância. Em uma entrevista a Carta Capital em outubro de 2018, o antropólogo e indígena Baniwa Gersem José dos Santos explica que:

as empresas, mesmo depois que ganham licitações, quando vão olhar de fato onde é o local da construção, geralmente declinam. Desistem pelas distâncias, custos e riscos que o empreendimento apresenta inclusive para trabalhadores. Às vezes tem que ir de avião pequeno, atravessar longas distâncias, então a complexidade não é no só número.

Mesmo com as dificuldades, os educadores esforçam-se para romper as barreiras que dificultam o acesso à educação.

Figura 5. Escola indígena na Amazônia



Fonte: <https://amazonasatual.com.br>. 2018

Figura 6. Escola indígena Sakruiwe na zona urbana de Tocantins



Fonte: <https://conexaoto.com.br>, 2017.

As imagens retratam duas realidades diferentes: na Figura 6, vemos uma sala de aula em uma aldeia na Amazônia, em que o professor e os alunos esforçam-se com condições mínimas para um ensino de qualidade. Enquanto que, na Figura 7 percebe-se que a realidade é outra, pois, a estrutura do prédio oferece um conforto melhor tanto para os alunos quanto para os professores.

No Brasil, desde a colonização portuguesa, os povos indígenas vêm perdendo espaço. Mesmo que haja políticas públicas para minimizar os estragos de anos de descaso, por enquanto, não se vê uma solução adequada para a questão. Entre os próprios indígenas há divergências, uns querem continuar com sua cultura e vivência, outros querem progredir fora da aldeia, mas sem perder suas raízes, como foi observado no I Seminário Internacional de Direitos Humanos e Indígenas e Interculturalidade, realizada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na ocasião realizou-se uma mesa redonda em que alunos de diversos cursos e etnias puderam expor suas opiniões sobre o assunto. Entre os assuntos discutidos, a educação indígena e as metodologias utilizadas no ensino e as experiências de alunos indígenas na universidade.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na presente seção apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Descreve-se a tipologia da pesquisa e da abordagem, o método de análise, o campo da pesquisa e os procedimentos de análise dos dados.

#### 3.1. TIPOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa desenvolvida é do tipo exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória permite uma maior familiaridade com o tema pesquisado de acordo com outras fontes que darão base ao assunto abordado. Tais como: pesquisa bibliográfica e entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

A pesquisa descritiva caracteriza-se por descrever uma população, um fenômeno ou uma experiência, estabelecendo relação entre as variáveis no objeto de estudo analisado (GIL, 2008). A pesquisa descritiva pode, em algum momento, assumir a forma de estudo de caso. "[...] o aprofundamento da pesquisa descritiva permite estabelecer relações de dependência entre variáveis [...]" (SANTOS, 2016, p.3).

O tipo de abordagem utilizada na pesquisa é a junção do método quantitativo e qualitativo. O método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas (RICHARDSON, 1989). Conforme Soares *et. al.* (2016)

A construção de indicadores quantitativos tem sido incentivada por órgãos internacionais e nacionais de fomento à pesquisa como meio para obter a compreensão mais acurada da orientação e da dinâmica da ciência e como meio de formar e subsidiar o planejamento de políticas científicas, além de avaliar seus resultados. (SOARES *et.al.*, 2016, p.2).

O método qualitativo não segue, em princípio, o quantitativo, à medida que não emprega um instrumental estatístico como base na análise de um problema, não pretendendo medir ou numerar categorias (RICHARDSON, 1989). Os dados qualitativos incluem também

informações não expressas em palavras, tais como: pinturas, fotografias, desenhos, filmes, vídeos tapes e até mesmo trilhas sonoras (TESCH, 1990).

Justifica-se a união os métodos quantitativos e qualitativos porque entender-se que ambos são complementares e podem fornecer uma imagem mais próxima do objeto de estudo. Visando compor o aporte teórico do estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre os temas pertinentes à pesquisa: periódicos, fontes de informação e informação indígena.

Conforme Lakatos e Marconi (2007, p. 184), pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada publica em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., até meios de comunicação orais: radio, gravação em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

A pesquisa bibliográfica empreendida incluiu diversos tipos de fontes, tais como: livros, artigos e periódicos acadêmicos, teses e dissertações, normas, etc. para compor a revisão da literatura. Além disso, possibilitou realizar um levantamento histórico do periódico estudado (Biblos).

Também, realizou-se uma análise bibliométrica das fontes de informação indígena presentes no periódico Biblos.

A bibliometria é um método utilizado na observação da ciência e da tecnologia pela produção científica registrada em bancos de dados científicos que utiliza de técnicas estatísticas na formação de trabalhos científicos. Conforme Fonseca (1986) e Carrizo (2000), Otlet, em 1934, cunhou o termo bibliometria em seu Tratado da Documentação, sendo conhecido como *Statistical Bibliography*, afirmando que é o meio de quantificar a ciência, utilizando-se da aplicação estatística nas fontes de informação. O termo *Statistical Bibliography* foi usado pela primeira vez em 1922 por E. Wyndham Hulme. Logo depois, acredita-se que o termo foi ignorado por cerca de vinte anos até Gosnel ressuscita-lo, em 1944, em um artigo que tratava da obsolescência da literatura sem reconhecimento de seu uso prévio. Em 1962, o termo *Statistical Bibliography* foi utilizado uma terceira vez em um trabalho intitulado *Statistical Bibliography in health sciences*, de autoria de L. M. Raisig, vindo a consolidar-se como método de pesquisa em 1969, depois que Pritchard publicou o artigo “Bibliografia estatística ou Bibliometria?” Esse método possibilita analisar os dados recuperados em uma pesquisa que podem ser: o nome dos autores, o título, a fonte, o idioma,

as palavras chaves, a classificação e as citações, retiradas do próprio texto que compõe a publicação retirada da base de dados bibliográfica. Machado (2007, p.4) esclarece que, “a bibliometria, como área de estudo da Ciência da Informação, tem um papel relevante na análise da produção científica de um país, uma vez que seus indicadores retratam o grau de desenvolvimento de uma área do conhecimento”. Sendo assim, auxilia na identificação de índices de crescimento do conhecimento em determinada disciplina, autores e co-autores mais produtivos, periódicos mais acessados e com maior fluxo de publicações, instituições que mais produzem. Machado (2007, p.6) afirma que, “[...] por meio desses estudos, podemos mapear o avanço da ciência, conhecer as relações estabelecidas pelos pesquisadores, identificar núcleos de publicação de uma área, bem como a frente de pesquisa de um determinado campo”. Para Araújo (2006):

[...] o uso de dados bibliométricos como indicadores da produção científica passou a ser cada vez mais frequente, diante do conjunto de ações que vem sendo desenvolvidas no sentido de dispor desses indicadores para o planejamento nacional das atividades de pesquisa científica (ARAÚJO, 2006, p. 26).

Na presente pesquisa a proposta foi desvendar quais fontes de informação indígena incluem-se no periódico Biblos.

### **3.2. CAMPO DA PESQUISA**

O campo da pesquisa foi o periódico Biblos (Figura 6), que é uma Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI) da Universidade Federal do Rio Grande FURG, detentor do ISSN 0102-4388 e do E-ISSN 2236-7594. Periódico de acesso aberto e de publicação semestral de trabalhos inéditos relacionados com a área da ciência da informação ou que apresentem resultados de estudos e pesquisas sobre as atividades do setor de informação em ciência e tecnologia. (Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação e outras áreas afins). O periódico Biblos publica os seguintes tipos de textos: artigos (pesquisas originais), revisões e relatos de experiências. Os idiomas oficiais para submissão de qualquer trabalho são: Espanhol, Português e inglês.

Figura 6. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação

The image shows the website interface for Biblos, a journal from FURG. The top banner includes the journal's title, ISSN, and E-ISSN. A navigation menu is located below the banner. The main content area features the journal's title and a short description. On the right side, there are sections for user login, language selection, and a search bar.

Fonte: <http://www.seer.furg.br/index.php/biblos/index>

O periódico Biblos surge no ano de 1978, intitulado “Revista do Departamento de Biblioteconomia e História da FURG” como meio de comunicação dos pesquisadores. Em 1983 passa a ser intitulada de Biblos “Revista do Departamento de Biblioteconomia e História”. Com 41 anos de publicação e, cerca de 44 fascículos, sua periodicidade é semestral, tendo seu último fascículo no ano de 2019 com o volume 33, número 2.

O periódico utiliza o sistema LOCKSS para criar um sistema de arquivo distribuído entre as bibliotecas participantes e permite as mesmas criar arquivos permanentes da revista para a preservação e restauração. Com isso, os periódicos científicos podem ser apontados como principais meios de disseminação do conhecimento, segundo Alves (2011, p.3): “Dentre os canais formais de comunicação científica, o periódico é o veículo mais utilizado pelos

pesquisadores na publicação dos resultados de suas pesquisas, revisões de literatura e outros tipos de textos relacionados à literatura da sua área”.

O processo de avaliação dos trabalhos submetidos se dá através de pares com reconhecida competência nas áreas relacionadas, normalmente é feito por dois pareceristas. No entanto, se houver divergência entre os dois entrará em cena um terceiro para desempate para aceite, revisão ou não aceite. Segundo Miranda e Pereira (1996), o ato de publicar artigos é exigido pelos pares como prova definitiva de efetiva atividade em pesquisa científica. Já para Barradas (2005, p.14):

As revistas ou periódicos científicos são, sem dúvida, a memória da ciência. Deve-se lembrar que o principal objetivo da atividade científica é a produção do conhecimento. Para que o conhecimento seja útil é imprescindível, inicialmente, sua difusão entre os pares, depois, à sociedade, para que essa possa usufruir dos benefícios advindos do conhecimento. E o canal formal de comunicação eleito pelos pesquisadores, em todos os países. É o periódico científico que divulga resultados recém-gerados e conta com o crivo do sistema de avaliação por pares, o que lhe confere maior legitimidade e credibilidade.

No que se refere ao Qualis CAPES, o periódico Biblos está classificado nas seguintes áreas: Interdisciplinar (B4), Geografia (B4), História (B4), Letras e Linguística (B4) e Educação (C). Em Ciências Sociais Aplicadas não se observou o Qualis.

### 3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados realizou-se por meio a visitas à *homepage* da BIBLOS, que está disponível no endereço eletrônico [https://periodicos.furg.br > biblos.](https://periodicos.furg.br/biblos) e ocorreu em duas etapas: a primeira coleta no dia 09 de dezembro de 2019, utilizando como estratégia de busca a palavra-chave “índios” que resultou na recuperação de sete referências correspondentes à temática da pesquisa. Outra coleta realizou-se em 12 de dezembro de 2019, utilizando-se como palavra-chave “indígenas”, que resultou na recuperação de oito referências. Também utilizaram-se como estratégias de busca as palavras-chaves “multiculturalismo” e “informação indígena”, porém nada foi encontrado. Com a palavra-chave “informação indígena”, foram recuperadas duas referências, porém as mesmas já se encontravam em meio aos resultados das duas coletas realizadas anteriormente. O resultado final da coleta incluiu 15 referências que correspondem ao *corpus* da pesquisa.

Das fontes de informação coletadas extraíram-se as informações pertinentes para atender aos objetivos específicos da pesquisa. A proposta foi realizar um panorama das publicações do periódico Biblos que registram informação indígena e que se constituem em fontes de informação indígena.

### **3.4. SISTEMATIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS**

Após a identificação do *corpus* da pesquisa, procedeu-se a sua sistematização e análise de forma a atender aos objetivos propostos. Os indicadores adotados para a descrição das fontes coletadas foram: tipo de fonte, título da publicação, autoria e co-autoria, assunto, data da publicação e etnia abordada.

As referências coletadas no Biblos foram organizadas em ordem alfabética e, em seguida, delas foram retiradas as informações de forma a operacionalizar os objetivos específicos da pesquisa, que são: realizar o mapeamento dos autores e co-autores, as temáticas abordadas e as etnias contempladas na produção.

Para a análise dos dados utilizaram-se técnicas estatísticas e a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004) visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das publicações. Visando clarificar os resultados obtidos na pesquisa, optou-se por apresentá-los em formato de quadros e tabelas.

## 4 A PRODUÇÃO SOBRE INFORMAÇÃO INDÍGENA NO BIBLOS

A presente seção inclui a descrição e análise dos resultados e a obtidos na pesquisa e compõe-se de duas partes: a primeira, intitulada “O Biblos e a produção de fontes de informação indígena”, e a segunda, “Caracterização das fontes de informação indígena”.

### 4.1 O BIBLOS E A PRODUÇÃO DE FONTES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA

O periódico “Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação” surge no ano de 1978, intitulado “Revista do Departamento de Biblioteconomia e História da FURG” como meio de comunicação dos pesquisadores. Em 1983 passa a ser intitulada de “Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História”. Posteriormente, adotou o atual sub-título: “Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação”. A pesquisa realizada no *site* do periódico, <https://periodicos.furg.br/biblos/about>, não deixa claro quando ocorreu essa mudança no subtítulo, pois na imagem que aparece no *site* do Biblos referente ao volume 20, publicado em 2007, ainda consta em sua capa o subtítulo “Revista do Departamento de Biblioteconomia e História” entretanto, ao acessar o *link* para consultar o conteúdo do fascículo, consta o subtítulo “Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação”. Infere-se que a data da mudança do subtítulo ocorreu em 2007, a partir do v.21. O periódico “Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação”, ao longo de 41 anos de existência, publicou cerca de 46 fascículos, tendo seu último fascículo publicado no ano de 2019 (volume 33, número 2). Do total de trabalhos publicados no período de 1978, data da sua criação, até o ano de 2019 foram publicados 567 trabalhos. Desse montante, apenas 15 (2,6%) abordam a temática indígena, conforme demonstra a Tabela 1, a seguir:

Tabela 1. Produção científica publicada no periódico Biblos

PRODUÇÃO PUBLICADA	NÚMERO	PERCENTUAL
Fontes indígenas	15	2,6
Demais temáticas	552	97,3
TOTAL	567	100%

Fonte: Dados da pesquisa 2020.

Comparada com a produção das demais temáticas (97,2%), a produção de fontes de informação indígena no periódico Biblos é pequena. Dez anos atrás Aquino (2010) já percebia que os povos negros e indígenas tiveram seus aspectos sociais e culturais constituídos de conhecimentos marginalizados e excluídos, em razão do acesso à informação ser priorizado para a classe dominante da sociedade.

Os resultados apresentados no Quadro 1, correspondem às 15 referências que se referem à informação indígena e respondem ao objetivo específico 'a' da pesquisa, o qual consiste na **identificação das fontes** que tratam da informação indígena e que estão presentes no periódico Biblos.

Quadro 1 – Fontes de informação indígena presentes no Biblos

Nº	Referências
01	BAPTISTA, J. A fome nos povoados missionais: dinâmicas históricas em meio ao debate sobre a subsistência entre jesuítas e indígenas. <b>BIBLOS</b> : Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 22, n. 2, p. 27-38, 2008. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
02	BARÃO, V. M. Educação indígena: um breve histórico constitucional e propostas para uma escola diferenciada. <b>BIBLOS</b> : Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 22, n. 2, p. 83-94, 2008. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
03	BARÃO, V. M. Mbyárekómeme é o lugar que a gente vive a nossa cultura: o "lugar" como cultura material para os guarani do litoral sul. <b>BIBLOS</b> : Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 20, n. 1, p. 195-210, 2007. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
04	BEBER, M. V. C. Pinturas de índios no Brasil Central: Alto Sucuriú, Serranópolis e Caiapônia. <b>BIBLOS</b> : Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 9, p. 107-116, 1997. Disponível em: <a href="https://www.brapci.inf.br/v/a/6443">https://www.brapci.inf.br/v/a/6443</a> . Acesso

	em: 09 dez. 2019.
05	BRUIT, H. H. Reflexões sobre a resistência sub-repitícia dos índios a conquista hispânica na América. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 5 p....., 1993. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
06	CAMINSKI, E. R. G. Mandos e desmandos em reserva dos kaigangues no Alto Uruguai gaúcho. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 12, p. 89-97, 2000. Disponível em: <a href="https://www.brapci.inf.br/v/a/6367">https://www.brapci.inf.br/v/a/6367</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
07	KERN, A. A. Aspirações utópicas da sociedade missioneira. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 5, p. 85-95, 1993. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
08	KERN, A. A. O povoamento do rio da prata oriental: antecedentes indígenas. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 5, 1993. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
09	NEETZOW, A. A. Sincronias e diacronias no processo de identificação de Ulrich Schmidell. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 13, p. 33-46, 2001. Disponível em: <a href="https://www.brapci.inf.br/v/a/6415">https://www.brapci.inf.br/v/a/6415</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
10	OLIVEIRA, O. A. Os protagonistas da história dos campos neutrais. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 24, n. 1, p. 69-80, 2010. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.

11	RIBEIRO, S. I. G. T. Diversidade étnica e historicidade: possíveis contribuições teóricas de Cornelios Castoriadis para o estudo de sociedades indígenas. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 15, p 07- 15, 2003. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
12	RODRIGUES, C. N. R. G. A imprensa sul-rio-grandense na criação da imagem do índio. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 16, p. 73-86, 2004. Disponível em: < <a href="https://www.brapci.inf.br/v/a/6477">https://www.brapci.inf.br/v/a/6477</a> >. Acesso em: 09 dez. 2019.
13	RODRIGUES JÚNIOR, G. A.; MIRCO, C. H. B. Toponímia indígena do município do Rio Grande. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 2, p. 55-90, 1987. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
14	SCHALLENBERGER, Erneldo. Povos índios identidade nacional: o projeto missionário jesuítico e a política integradora de Pombal. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 5, p....., 1993. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.
15	SEVERAL, R. S. Jesuítas e Guaranis face aos impérios coloniais ibéricos no Rio da Prata colonial. <b>BIBLOS:</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 9, p....., 1997. Disponível em: <a href="https://periodicos.furg.br/biblos/search/">https://periodicos.furg.br/biblos/search/</a> . Acesso em: 09 dez. 2019.

Fonte: Dados da pesquisa 2020.

O Quadro1 apresenta a produção referente à informação indígena recuperada no periódico Biblos. A tipologia dessa produção corresponde a artigos publicados no referido periódicos. O artigo mais recente sobre a temática indígena data do ano de 2010, e nos últimos anos o Biblos não publicou nenhuma fonte de informação indígena. Infere-se que isso tenha ocorrido porque o periódico pertencia ao Departamento de História da FURG e em 2010 passa a ter como área principal a Ciência da Informação, denominando-se como Biblos:

Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, o que pode ter influenciado os pesquisadores a migrarem para outras áreas do conhecimento.

No entanto, nos últimos anos, em outros periódicos, a temática indígena tem despontado, conforme afirmam Laureano, Paiva e Ramalho (2019, p.16):

[...] a partir dos últimos nove anos se ampliou consideravelmente, a inserção de fontes de informação indígena [...]. Infere-se que isso ocorreu em virtude de emergência de movimentos sociais de valorização de direitos de minorias, tais como negros, indígenas, mulheres, etc. na esfera internacional e nacional.

Desta forma, o estudo da temática indígena coloca em evidência os povos marginalizados, fazendo com que a sociedade compreenda outras culturas e suas histórias.

## 4.2. CARACTERIZAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO INDÍGENA

Após a identificação das fontes de informação indígena presentes no periódico Biblos, procedeu-se a sua caracterização. Para realizar tal caracterização foram considerados: autoria e co-autoria, temáticas e etnias abordadas na produção e a cronologia das fontes.

### 4.2.1 Mapeamento dos autores e co-autores

Visando operacionalizar o segundo objetivo específico da pesquisa procedeu-se o **mapeamento dos autores e coautores** da produção identificada. Os resultados referentes à autoria e coautoria das fontes de informação indígena presentes no Biblos apresentam-se na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2. Autoria e co-autoria das fontes de informação indígena

PRODUÇÃO	NÚMERO	PERCENTUAL
Autoria	14	93,33
Co-autoria	01	06,33
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa 2020

Conforme a Tabela 2, a maioria das fontes de informação indígena presentes no Biblos é de um único autor (93,33%), enquanto que apenas uma publicação foi realizada em co-autoria, que corresponde à publicação “Toponímia indígena do município do Rio Grande”, dos autores Gonçalo Rodrigues Junior e Carmem Helena Braz Mirco.

Buscando identificar a **formação acadêmica dos autores** das fontes de informação indígena presentes no Biblos consultaram-se os Currículos Lattes dos autores na Plataforma Lattes do CNPq e os resultados constam do Quadro 2, a seguir:

Quadro 2. Autores e suas formações acadêmicas

NOMES	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Arno Alvarez Kern	Pós-Doutor em Arqueologia
Rejane da Silveira Several	Pós-Doutora em História
Anselmo Alves Neetzow	Doutor em História
Jean Baptista	Doutor em História
Cíntia Régia Rodrigues	Doutora em História
Marcos Vinícios Beber	Doutor em História
Ernelo Schallenberger	Doutor em História
Sarah Iurkiv Gomes Tibes Ribeiro	Doutora em História
Héctor Hernan Bruit	Doutor em História Social
Vanderlise Machado Barão	Mestre em História
Oswaldo André Oliveira	Mestre em Patrimônio Cultural
Carmem Helena Braz Mirco	Graduada em História
Eleno Rodrigo Guarda Caminski	Graduado em Direito
Gonçalo Rodrigues Júnior	Graduado em História

Fonte: Dados da pesquisa 2020

O Quadro 2 apresenta a distribuição dos 16<sup>3</sup> autores por ordem de titulação, a começar por dois Pós-doutores, sete Doutores, dois Mestres e três Graduados. No tocante aos cursos, contemplados nas formações acadêmicas encontram-se um Pós-doutor em Arqueologia e um Pós-doutor em História, seis Doutores em História e um Doutor em História Social, um Mestre em História e outro em Patrimônio Cultural e, por fim, dois Graduados em História e um Graduado em Direito. Vale ressaltar a presença marcante de autores oriundos da área de

<sup>3</sup> Um dos artigos contempla dois autores.

História, correspondendo a 68,75% entre Graduados, Doutores e Pós-doutores formados em cursos de História de diferentes instituições de ensino superior. Atribui-se esse resultado ao fato do periódico Biblos ter sua origem no Departamento de Biblioteconomia e História, atual Instituto de Ciências Humanas da Informação da Universidade do Rio Grande. Três autores têm sua formação ligada em cursos das áreas de Arqueologia, Patrimônio Cultural e Direito, correspondendo a 6,25%, cada.

Levando em consideração o grau de instrução dos autores, que em sua maioria provêm de cursos de História, vem à tona a para que questões como preconceito contra os povos indígenas, violência, isolamento, entre outros problemas venham ser combatidos e, conseqüentemente, extintos do meio da sociedade. A problemática requer um debate mais apurado e uma mudança na disciplina de história<sup>4</sup> referente aos assuntos aplicados em sala de aula para alunos não indígenas, agregam respeito à cultura desses povos e sua importância na história. Como explica Barão (2008):

É necessário que se perceba que o Brasil é uma nação que possui outras nações no seu interior, e que estas têm direitos iguais a todos os brasileiros, principalmente aqueles que já viviam no território antes de os europeus chegarem e esta terra virar Brasil, respeitando dessa forma as diferenças culturais (BARÃO, 2008).

Diferença essa, que faz o Brasil ser um país que possui uma identidade cultural muito variada, com uma multiplicidade de culturas, costumes, crenças e até mesmo de fisionomias.

Ressalta-se a ausência de profissionais de informação dentre os autores dessa produção, o que remete à necessidade de inserir a temática indígena nos cursos de graduação e na formação de professores (as).

#### **4.2.2 Temáticas abordadas na produção**

Os resultados da pesquisa relativos à identificação das **temáticas abordadas** na produção referente à informação indígena operacionalizam o terceiro objetivo específico das pesquisas são apresentados na Tabela 3, a seguir:

---

<sup>4</sup> Refere-se à Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645/2008, que versam sobre o ensino da história afro-brasileira, africana e indígena, ressaltando a importância dessas culturas na formação da sociedade brasileira.

Tabela 3. Temáticas abordadas nas fontes de informação indígena

Nº	TEMÁTICA	NÚMERO	PERCENTUAL
1	Colonização	01	11,1
2	Cultura	01	11,1
3	Educação indígena	01	11,1
4	Eurocentrismo	01	11,1
5	Fome	01	11,1
6	Guerra guaranítica	01	11,1
7	Imagem do índio	01	11,1
8	Patrimônio	01	11,1
9	Toponímia	01	11,1
Total		09*	100%

Fonte: Dados da pesquisa 2020

\*Seis artigos não foram localizados, o que inviabilizou sua indexação.

Conforme demonstra a Tabela 3, as temáticas abordadas nas fontes de informação indígena presentes no periódico Biblos foram bem diversificadas, totalizando nove: colonização, cultura, educação indígena, eurocentrismo, fome, guerra guaranítica, imagem do índio, patrimônio e toponímia. Estudo anterior revelou que “[...] a temática indígena está sendo estudada com diversos focos e em diversas áreas do conhecimento, o que demonstra a interdisciplinaridade da informação indígena” (PAIVA; LAUREANO, 2019, p.18)

#### 4.2.3 Etnias contempladas na produção

Atendendo ao quarto objetivo específico proposto na pesquisa, procedeu-se a identificação das **etnias contempladas na produção**. Apresentam-se esses resultados na tabela 5:

Tabela 3. Etnias contempladas na produção

ETNIAS	NÚMERO	PERCENTUAL
Guarani	06	23,0%
Jê	01	3,9
Pampiano	01	3,9
Tupi	01	3,9
Timbues	01	3,9
Paiaguás	01	3,9
Naperus	01	3,9
Peysennes	01	3,9
Minuanos	01	3,9
Charruas	01	3,9
Arachanes	01	3,9
Tupi guarani	01	3,9
Bororás coroados	01	3,9
Pynages	01	3,9
Botocudos	01	3,9
Tapajós	01	3,9
Sem especificação	05	19,0
Total	26*	100%

Fonte: Dados da pesquisa 2020

\*Algumas das publicações contemplaram mais de uma etnia

Conforme Tabela 4, as fontes de informação indígena presentes no periódico Biblos contemplaram 18 etnias, dentre as quais a maioria, seis, refere-se aos povos Guarani (23,0%), sendo quatro publicações que tratam dos povos Guarani e dois que remetem em específico, aos povos Guarani Mbya e Guarani Chiripá, respectivamente. Conforme o Instituto Socioambiental (INSTITUTO..., 2020), os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kainguá, Monteses, Baticola, Apyteré, Tembukuá, entre outros. No entanto, sua autodenominação é Avá, que significa na língua Guarani, “pessoa”. Os povos Guarani vivem em um território que compreende regiões do Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina. Infere-se que a presença maior dessa etnia se dá pela proximidade física desses povos, pois ao periódico Biblos é publicado pela FURG – Universidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

As demais etnias (Jê, Pampiano, Tupi, Timbues, Paiaguás, Naperus, Peysennes, Minuanos, Charruas, Arachanes, Tupi guarani, Bororás coroados, Pynages, Botocudos e Tapajós) apresentam-se, cada uma, em uma publicação, o que corresponde a 3,9% da produção. Um número significativo de publicações, cinco, não especifica a etnia (19,0%). Existe uma noção genérica e estereotipada dos povos indígenas que considera que os indígenas são um só povo. Mas, só no Brasil existem mais de 305 etnias, que possuem línguas, culturas e costumes diferentes (PAIVA, 2016).

#### 4.2.4 Cronologia da produção

Continuando a caracterização das fontes de informação indígenas presentes no periódico Biblos, verificou-se, também, a **cronologia** dessas fontes, que se apresenta na Tabela 5.

Tabela 5. Cronologia das fontes

Período	Número	Percentual
1993	04	26,65
1997	02	13,34
2008	02	13,34
1987	01	6,66
2000	01	6,66
2001	01	6,66
2003	01	6,66
2004	01	6,66
2007	01	6,66
2010	01	6,66
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa 2020

Ao observar a Tabela 5, percebe-se que a maioria das fontes de informação indígena presentes no periódico Biblos foi publicada no ano de 1993, quatro, correspondendo a 26,65% da produção. Nos anos de 1997 e 2008, foram publicadas duas (13,34%), respectivamente, revelando uma diminuição no número de fontes de informação indígena no periódico

estudado. Nos anos 1987, 2000, 2001, 2003, 2004, 2007 e 2010 obtiveram apenas uma publicação (6,66%), cada. Os anos de 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1994, 1995, 1996, 1998, 1999, 2002, 2005, 2006, e 2009 não registraram nenhuma fonte de informação indígena.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo constitui-se num Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Graduação em Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba e teve como objetivo geral analisar a produção sobre informação indígena no periódico Biblos. Os resultados obtidos na pesquisa permitiram identificar a produção indígena presente no periódico Biblos ao longo de seus 41 anos de existência, ou seja, desde a sua criação, em 1978 até 2019, data da última edição do periódico; realizar o mapeamento dos autores e co-autores dessa produção; identificar as temáticas abordadas na produção identificada, assim como as etnias contempladas na produção. Além disso, possibilitou identificar a formação acadêmica dos autores e co-autores que publicaram sobre a informação indígena e aferir a cronologia dessas publicações. Realizou-se, também, um breve histórico do periódico Biblos, que consistiu na descrição da sua criação, mudanças ocorridas no título, número de fascículos publicados ao longo do tempo, além de informar acerca da caracterização do periódico, como: número do ISSN, endereço eletrônico, periodicidade, dentre outros.

Os resultados da pesquisa demonstraram uma baixa produção sobre a temática indígena publicada ao longo dos 41 anos de existência do periódico. Observou-se um lapso considerável de tempo entre as publicações, o que nos fez refletir sobre a importância desta temática, visto que ao longo da sua existência apenas 15 trabalhos que tratam da informação indígena foram publicados no periódico Biblos. Vale mencionar que, no decorrer da pesquisa, ao buscar o acesso ao texto completo desses 15 artigos, seis não foram encontrados, nem diretamente no *site* do periódico Biblos nem pesquisando em outras plataformas da Internet. Esse fato revela problemas na usabilidade do *site* do Biblos, o que requer a implantação de melhorias na interface do periódico visando ampliar o acesso aos conteúdos publicados no referido periódico.

A maioria dessa produção é de autoria única e a maior parte dos autores tem formação acadêmica de mestre, doutor ou pós-doutor, e é oriunda da área de História. Quanto às temáticas abordadas nas fontes de informação indígena presentes no periódico Biblos foram bem diversificadas, totalizando nove. No que se refere às etnias abordadas nessa produção, foram contempladas diversas sendo a maioria referente aos povos Guarani. Sobre a cronologia

da produção, embora o Biblos tenha se destacado na produção de informação indígena, na pesquisa do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) “Fontes de informação indígena na Ciência da Informação: análise na BRAPCI”, anteriormente citado. Nos últimos nove anos não publicou nenhuma fonte de informação indígena.

Os resultados da pesquisa, explicitados anteriormente, denotam que os objetivos da pesquisa foram cumpridos.

Conclui-se que, em relação a outras temáticas, a produção de conteúdos que enfocam a informação indígena ainda é incipiente na Ciência da Informação.

Com o desejo de ampliar a produção de fontes de informação indígena e dar visibilidade ao conhecimento sobre esses povos, sugere-se a realização de outras pesquisas sobre a temática indígena, tais como: investigar a presença de fontes de informação indígenas em bases de dados da Ciência da Informação; analisar a produção de fontes de informação indígenas em outras áreas do conhecimento como linguística, educação, saúde, dentre outras.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, Mediação da Informação: um conceito atualizado. *In.*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J.; SILVA, R. (Orgs). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. Cap. 1.
- ALVES, L. Informação e os sistemas de comunicação científica na Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 1-7, jun. 2011.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. Políticas de informação para inclusão de negros afrodescendentes a partir de uma nova compreensão da diversidade cultural. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 3, n. 2, p. 26-37, 2010.
- ARÁUJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16/5>>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- ARAÚJO, N. C. ; FACHIN, J. Evolução das fontes de informação. **Biblos**: revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 29, n. 1, p. 81-96, 2015.
- ARAÚJO, V. M. A. P. de. Sistemas de recuperação da informação: uma discussão a partir de parâmetros enunciativos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 137-143, maio/ago. 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6021**: Informação e documentação - Publicação periódica técnica e/ou científica - Apresentação. 2.ed. Rio de Janeiro, 2015.
- BARBOSA, A. G. *et al.* Evolução das funções dos periódicos científicos e suas aplicações no contexto atual. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v.3, n.1, mar.2013.
- BARRADAS, M. M. Prefácio. *In*: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças. **Preparação de revistas científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann/Autores, 2005. p. 13-16.
- BARÃO, V. M. “*Mbyárekómeme* é o lugar que a gente vive a nossa cultura”: o “lugar” como cultura material para os Guarani do litoral sul. **Biblos**, Rio Grande, v. 20, p.195-210, 2006.
- BARÃO, V. M. Educação indígena: um breve histórico constitucional e propostas para uma escola diferenciada. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 22, n. 2, p. 83-94, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/search/>. Acesso em: 09 dez. 2019.
- BORTOLOSSI, H. J.; QUEIRÓS, J. J. D. B.; SILVA, M. M. da. **A Lei de Zipf e outras leis de potência em dados empíricos**. 2012. Disponível em <http://klein.sbm.org.br/wp->

<content/uploads/sites/17/2016/02/Zipt-bortolossi-queiroz-dasilva-lpp-projeto-klein.pdf>.

Acesso em 11 mar. 2020.

BRAGA, G. M. Comunicação científica: o periódico. *In: SEMINÁRIO PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA ÁREA DA EDUCAÇÃO*, 1983, Brasília, D.F. **Anais[...]**. Brasília, D.F.: INEP, 1984. p. 20-22.

BUFREM, L.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/682/587>. Acesso em: 05 mar. 2020.

CARELLI, A. E.; GIANNASI-KAIMEN, M. J. Os periódicos científicos no compartilhamento da informação e do conhecimento: aspectos extrínsecos dos periódicos eletrônicos Qualis da área de Ciência da Informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 191-213, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2009v14n2119695>. Acesso em: 27 fev. 2020.

CARRIZO SAINERO, G. Hacia un concepto de bibliometria. **Revista de Investigación Iberoamericana en Ciencia de la Información y Documentación**, v. 1, n. 2, jul./dec. 2000. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/multidoc/publicaciones/journal/>. Acesso em 2 de mar. 2002.

CHAVES, S. N. História da ciência através do cinema: dispositivo pedagógico na formação de professores de Ciência. **Alexandria: revista de educação em Ciência e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 83-93, set. 2012.

CLAUSET, A.; SHALIZI, C. R.; NEWMAN, M. E. J. Power-Law Distributions in Empirical Data. **SIAM Review**, v. 51, n. 4, p. 661-703, 2009.

COLLET, C.; PALADINO, M.; RUSSO, K. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas**. Rio de Janeiro: Contra Capa: Laced, 2014.

COUTINHO, A. **Notas de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNHA, M. B. da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília, D.F.: Briquet de Lemos, 2001.

DIAS, G. A. **Periódicos científicos eletrônicos brasileiros na área de Ciência da Informação: Análise das dinâmicas de acesso e uso**. 208f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-15102012-140630/publico/tese.pdf> Acesso em: 04 abr. 2020.

FONSECA, E. N.(Org). **Bibliometria: teoria e prática**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

FRANÇA, A.; SILVEIRA, N. C. A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. **TransInformação**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 67-76, abr. 2014.

FREITAS, M. A.; LEITE, F. C. L. Atores do sistema de comunicação científica: apontamentos para discussão de suas funções. **Informação & Informação**, Londrina, v.24, n. 1, p. 273-299, jan./abr. 2019.

GARCIA, J. C. R.; TARGINO, M. das G. Fontes de informação ganham adesão nos repositórios institucionais. *In*: TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler (Orgs.) **Fontes de informação digital**. Londrina: Eduel, 2016.

GARCIA, J. C. R.; TARGINO, M. G.; DANTAS, E. R. F. Conceito de responsabilidade social da Ciência da Informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n.1, p. 1-25, jan./jun. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios**. Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2010\\_caracteristicas\\_populacao\\_domicilios.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf). Acesso em: 04 abr. 2020.

IBICT. **Portal do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas**. Disponível em: <http://seer.ibict.br/index.php>. Acesso em: 18 de mar. 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo : Atlas, 2003. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india). Acesso em: 12 mar. 2020.

LAUREANO, C. da S.; PAIVA, E. B.; RAMALHO, F. A. Práticas Profissionais na Formação Acadêmica: experiência em pesquisa sobre informação indígena. *In*: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DE INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: UFPA, 2019.

LEITE, F. C. L.; COSTA, S. Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processos de comunicação científica. **Ciência da Informação**, Brasília,D.F., v. 36, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: [http://www.SciELO.br/SciELO.php?pid=S0100-19652007000100007&script=sci\\_arttext](http://www.SciELO.br/SciELO.php?pid=S0100-19652007000100007&script=sci_arttext). Acesso em: 02 de jan. 2020.

LEITE, M. A.; FREITAS, F. C. L. Atores do sistema de comunicação científica: apontamentos para discussão de suas funções. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 273 – 299, jan./abr. 2019.

LEMOS, B. de. Periódicos eletrônicos: problema ou solução. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 7, n. 3, Jun. 2006.

[http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/06/pdf\\_cd215b174d\\_0017331.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/06/pdf_cd215b174d_0017331.pdf). Acesso em 01 de Fev. 2020.

MELLO, T. R. de. **Periódicos científicos**: processo de migração para a plataforma OJS. 2011. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MUELLER, S. P. M. O periódico científico. *In*: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 319p. (Coleção Aprender). Cap. 5, p. 73-95.

NORONHA, D. P.; MARICATO, J. de M. Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp., jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1137/1594>. Acesso em: 05 mar. 2020.

OLIVEIRA, E. B. P. M. Periódicos científicos eletrônicos: definições e histórico. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.18, n.2, p.69-77, maio/ago. 2008.

PAIVA, E. B. **Narrativas indígenas**: construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação. 2013.199f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PAIVA, E. B. A produção do conhecimento sobre os povos indígenas em periódicos e dissertações: reflexos do discurso do outro sobre os indígenas? *In*: GUERRA, Vânia Maria Lescano; ALMEIDA, Willian Diego de.(Orgs.) **Povos indígenas em cena**: das margens ao centro da história. Campo Grande: Organização Mundial para Educação Pré-Escolar, 2016. p. 67-78.

PAIVA, E. B.; LAUREANO, C da S. **Análise das fontes de informação indígenas presentes na Brapci**. João Pessoa, 2019. Relatório de Pesquisa.

PINHEIRO, L. V. R. Lei de Bradford: uma reformulação conceitual. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 12, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1983.

PRITCHARD, A. Statistical Bibliography or Bibliometrics? **Journal of Documentation**, London, v. 25, n.4, p. 348, 349, Dec. 1969.

REIS, S. D. L. V. S.; CAMPOS JÚNIOR, L. de C. Novo olhar sobre o ensino de história indígena. *In*: **OS DESAFIOS da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**: artigos. [s.l.], 2016. (Cadernos PDE, v.1). ISBN 978-85-8015-093-3 Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_hist\\_uenp\\_sandradaniellousanoverasanchezreis.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_uenp_sandradaniellousanoverasanchezreis.pdf) Acesso em: 03 abr. 2020.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das relações étnico-raciais: pensando referenciais para a organização da prática pedagógica.** Belo Horizonte: Maza Edições, 2007.

SANTA ANNA, J. Mapeamento sistemático na base de dados em Ciência da Informação: periódicos científicos em discussão. *Brazilian Journal of Information Studies: research trends*, v.12, n. 1, p. 68-79, 2018.

SANTOS, C. J. G. **Tipos de pesquisa.** 2016. Disponível em [www.oficinadapesquisa.com.br](http://www.oficinadapesquisa.com.br). Acesso em: 09 de fev.2020.

SANTOS, R. N. M. dos; KOBASHI, N. Y. Bibliometria, Cientometria, Infometria: conceitos e aplicações. **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v.2, n.1, p.155-172, jan./dez. 2009. Disponível: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/21/43>. Acesso em: 05 mar. 2020.

SILVA, A. R. da; DANTAS, J. F.; CORTES, G. R.; SILVA, L. K. R. da. Análise da produção científica no periódico eletrônico Archeion Online. **Archeion Online**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 22-39. jan./jun. 2017.

SILVA, L. H. G. da. **As Políticas dos Repositórios Institucionais: conteúdo, acesso, preservação, metadados e submissão.** Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVEIRA, E.G. **Sobre a literatura Xacriabá.** Brasília, D.F.: MEC, 2005.

SILVEIRA, J. P. B. A produção científica em periódicos institucionais: um estudo da revista **Biblos. Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 17, n.33, p. 116-133, jan./abr., 2012. ISSN 1518-2924. DOI: 1518-2924.2011v17n33p116

SOARES, P. B.; CARNEIRO, T. C. J.; CALMON, J. L.; CASTRO, L. O. da C. de O. Análise bibliométrica da produção científica brasileira sobre Tecnologia de Construção e Edificações na base de dados Web of Science. **Ambiente construído**, v.16, n.1, p.175-185, jan./mar. 2016. ISSN 1415-8876. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-86212016000100067> Acesso em: 03 abr. 2020.

TESCH, R. **Qualitative research: analysis types and software tools.** Basingstoke: The Falmer Press, 1990.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. O programa de Comunicação e Informação. [Brasília, D.F.], 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/> . Acesso em 24 fev. 2020.

ZATTAR, M. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n.2, p. 285-293, nov. 2017.

### Links

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em 15 de mar. 2020

<http://www.funai.gov.br/index.php/a-funai>. Acesso em 09 de fev.2020.

<https://www.guarulhoshoje.com.br/2017/04/09/exposicao-terra-sagrada-mostra-arte-e-cultura-indigena/>. Acesso em 12 mar. 2020.

<https://guiadamonografia.com.br/fontes-primarias-e-secundarias/>. Acesso em 12 mar. 2020.

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisas-exploratoria-descritiva-explicativa.htm>. Acesso em 09 de fev.2020.

[http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/METODOL/\\_OF.TIPOS\\_PESQUISA.PDF](http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/METODOL/_OF.TIPOS_PESQUISA.PDF). Acesso em 09 de fev.2020.

<https://www.survivalbrasil.org/povos/indios-isolados-brasil>. Acesso em 24 de fev. 2020.

<https://www.cartacapital.com.br/educacao/os-desafios-da-educacao-indigena-para-a-presidencia-segundo-pesquisadorases/>. Acesso em 10 de abr. 2020.